



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE GEOGRAFIA,
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE CURSO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA**

JOSÉ VITOR ALBANO DA SILVA

**ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO COMO AMPLIAÇÃO DA
PERCEPÇÃO ESPACIAL: EXPERIÊNCIA DE REGÊNCIA NO PRP-
SUBPROJETO GEOGRAFIA**

MACEIÓ
2024

JOSÉ VITOR ALBANODA SILVA

**ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO COMO AMPLIAÇÃO DA PERCEPÇÃO
ESPACIAL: EXPERIÊNCIA DE REGÊNCIA NO PRP-SUBPROJETO
GEOGRAFIA**

Relatório de Extensão apresentado ao Curso de Geografia Licenciatura do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cirlene Jeane Santos e Santos
Coorientador: Prof. Ms. Denis Rocha Calazans

MACEIÓ
2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586o Silva, José Vitor Albano da.
Orientação e localização como ampliação da percepção espacial: experiência de regência no PRP-subprojeto Geografia / José Vitor Albano da Silva. – 2024.
31 f. : il. : color.

Orientadora: Cirlene Jeane Santos e Santos.

Co-orientador: Denis Rocha Calazans.

Relatório (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 30-31.

1. Ensino remoto. 2. Alfabetização cartográfica. 3. Raciocínio geográfico. I.
Título.

CDU: 372.891.1:528.9

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSÉ VITOR ALBANO DA SILVA

ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO COMO AMPLIAÇÃO DA PERCEPÇÃO ESPACIAL: EXPERIÊNCIA DE REGÊNCIA NO PRP-SUBPROJETO GEOGRAFIA

Relatório de Extensão apresentado ao Curso de Geografia Licenciatura do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
CIRLENE JEANE SANTOS E SANTOS
Data: 26/03/2024 19:18:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Cirlene Jeane Santos e Santos (UFAL) – Orientadora



Documento assinado digitalmente
JACQUELINE PRAXEDES DE ALMEIDA
Data: 26/03/2024 13:14:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Praxedes de Almeida (UFAL) – Examinadora Interna



Documento assinado digitalmente
DENIS ROCHA CALAZANS
Data: 26/03/2024 13:18:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Dênis Rocha Calazans (IFAL) – Coorientador e Preceptor PRP 2020 – 2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos professores, coordenadores, gestores pedagógicos e demais profissionais da educação que persistiram nos atribulados anos de pandemia. Em especial aos professores Denis Rocha Calazans, Cirlene Jeane Santos e Santos e Jacqueline Praxedes de Almeida que me acompanharam e orientaram ao longo do Programa Residência Pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus por me dar forças para seguir em frente, pois sei que mesmo nos momentos difíceis estavas ao meu lado.

Agradeço à minha mãe, Adriana Albano de Sousa Lúcio e ao meu pai, Francisco Neuton Lúcio da Silva, por sempre proporcionar um ambiente de paz e tranquilidade, mesmo que há milhares de km de distância. Nunca esquecerei da dedicação na minha criação e o esforço que fizeram para que eu pudesse seguir com os estudos na faculdade. Sei que vocês não tiveram a mesma oportunidade, mas essa conquista também é de vocês.

A minha irmã, Victoria Albano da Silva, agradeço pelas conversas e momentos de risadas que me fortaleceram e foram fundamentais para me manter sereno e firme nesta empreitada.

Agradeço a minha companheira de vida, Milenna Alves Paulino, que com todo seu amor e carinho sempre confiou em mim. Seus incentivos foram fundamentais nessa jornada. Obrigado por tudo.

Agradeço aos amigos de Residência Pedagógica, os quais compartilhei experiências e aprendizados ao longo deste tempo. Em especial a pessoa de Diego Bezerra, grande companheiro e incentivador de nosso trabalho.

Agradeço aos meus professores da educação básica e a todos os professores do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA) que contribuíram para minha formação profissional. Obrigado por me apresentarem esta grandiosa profissão. Vocês foram à luz.

E a todos os meus familiares que mesmo longe são peças fundamentais na construção da pessoa que me tornei. Vocês são sinônimos de bons momentos.

RESUMO

As noções e técnicas de orientação e localização estão constantemente presentes em nosso dia a dia, seja nos deslocamentos cotidianos ou nas análises geográficas. Prover meios para que os alunos alcancem a alfabetização cartográfica e com isso desenvolvam o raciocínio geográfico, essenciais para a autonomia e conhecimento do espaço geográfico foram os objetivos delimitados durante o planejamento da aula tema do referido trabalho. O presente estudo destaca as experiências vivenciadas em aula remota na disciplina de Geografia sobre o tema Orientação e Localização com alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Maceió (AL), no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dentro do ciclo 2020-2022, em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mediante o cenário de isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, residentes pedagógicos na companhia do professor preceptor, tiveram que superar desafios urgentes. Apresentar as experiências vividas no programa, a importância dos encontros pedagógicos para planejamento e formação contínua do residente, com objetivos de alcançar a ampliação da percepção espacial e autonomia com base na construção da sequência didática orientação e localização, abordando o ensino de cartografia de forma lúdica fazem parte da metodologia deste trabalho. Depreendese do referido esforço que estudantes despertaram para a importância e manifestação dos conhecimentos geográficos nas ações cotidianas. A base teórica deste trabalho espelhou-se em teóricos como: Martinelli (1999), Passini (1999), Almeida (1999), Katuta (2000), entre outros, que discutem a temática em questão.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Alfabetização cartográfica. Raciocínio geográfico.

ABSTRACT

The notions and techniques of orientation and location are constantly present in our daily lives, whether in everyday movements or in geographical analyses. Providing means for students to achieve cartographic literacy and thereby develop geographical reasoning, essential for autonomy and knowledge of the geographical space, were the objectives delimited during the planning of the thematic lesson of the mentioned work. This study highlights the experiences lived in remote classes in the Geography discipline on the theme of Orientation and Location with 1st-year High School students at the Federal Institute of Alagoas (IFAL), Maceió campus (AL), within the scope of the Pedagogical Residency Program (PRP), of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), within the 2020-2022 cycle, in partnership with the Federal University of Alagoas (UFAL). Amidst the context of social isolation brought about by the Covid-19 pandemic, pedagogical residents, alongside the supervising teacher, had to confront urgent challenges. Present the experiences lived in the program, the importance of pedagogical meetings for planning and ongoing training of the resident, with the objectives of achieving the expansion of spatial perception and autonomy based on the construction of the orientation and location didactic sequence, approaching the teaching of cartography in a playful way are part of the methodology of this work. It appears from this effort that students have become aware of the importance and manifestation of geographic knowledge in everyday actions. The theoretical foundation of this work was based on theorists such as: Martinelli (1999), Passini (1999), Almeida (1999), Katuta (2000), among others, who discuss the theme in question.

Keywords: Remote Teaching. Cartographic literacy. Geographical reasoning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Banner informativo do curso de Cartografia.....	19
Figura 2 – Ementa minicurso de Cartografia.....	20
Figura 3 - Slides iniciais da aula Orientação e Localização.....	27
Figura 4 - Material sistematizado orientação geográfica.....	28
Figura 5 - Slide: atividades que usava os próprios estudantes como exemplo.....	29
Figura 6 - Exemplos cotidianos dos assuntos abordados em aula.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema de planejamento utilizado durante o PRP.....	25
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: DO PLANEJAMENTO À ATUAÇÃO	14
2.1 Desafios no ensino remoto emergencial	14
2.2 Capacitação contínua do residente	17
3 A GEOGRAFIA ESCOLAR NA FORMAÇÃO CIDADÃ: O PAPEL DA	21
CARTOGRAFIA.....	21
3.1 Da alfabetização cartográfica ao raciocínio geográfico	22
4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO	24
4.1 Abordagens da temática em aula	26
5 CONCLUSÃO.....	31
6 REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) instituído pela portaria N° 38, de fevereiro de 2018 integra uma das ações da Política Nacional de Formação de Professores lançada pelo Ministério da Educação (MEC). Em parceria com demais programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o PRP visa proporcionar aos estudantes de licenciatura as competências e habilidades fundamentais para atuar nas escolas de educação básica do país. Promover o fortalecimento e integração entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e escolas, construindo espaços colaborativos para os discentes de licenciatura atuarem de forma prática são os principais objetivos do programa.

No âmbito do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o PRP teve seu primeiro ano de implementação em 2020, na escola campo do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Maceió/AL. Devido às circunstâncias de isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 e necessidade de cuidado com a saúde pública, as atividades no programa foram realizadas integralmente de forma remota de novembro de 2020 a fevereiro de 2022.

As atividades desenvolvidas no PRP-subprojeto Geografia foram realizadas com turmas de 1° a 3° ano do Ensino Médio (E.M), com protagonismo para as atuações dos residentes dentro dos períodos do calendário letivo do instituto denominados de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Mesmo com as notórias limitações deste conturbado período de aulas remotas, os residentes tiveram contato com as experiências fundamentais da rotina de um educador. Os planejamentos, pesquisas, reuniões pedagógicas e aulas ministradas estiveram entre as principais atividades executadas.

A composição deste trabalho aborda experiências vivenciadas no âmbito do PRP com foco na atividade de regência da aula Orientação e Localização, ministrada remotamente para turmas de 1° ano do E.M. Dentro do vasto leque de aulas ministradas neste período, considerouse a importância de se trabalhar os princípios lógicos da Geografia com os estudantes. Com isso, o trabalho busca apresentar as estratégias metodológicas realizadas a ponto de abordar a alfabetização cartográfica como base para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Em sua estrutura o trabalho foi dividido em partes que apresentam a temática e principalmente o cenário no qual as atividades de regência no PRP foram executadas. A primeira parte do trabalho busca apresentar os desafios de ensinar em tempos de ensino remoto,

quando não se está preparado para tamanha missão. Mesmo com auxílio dos recursos tecnológicos para continuação das atividades escolares, a falta de contato “olho no olho” com os estudantes esteve entre os principais desafios.

A etapa seguinte do trabalho aborda a importância da ciência geográfica na formação cidadã do indivíduo, ao trabalhar a necessidade de conhecer o meio no qual se vive, por meio das noções de orientação e localização. Os respectivos conhecimentos são capazes de auxiliar os cidadãos na compreensão da noção espacial, orientando-os nas atividades diariamente, mesmo que de forma automática.

Ao final, é apresentada a sequência didática da aula em que foram desenvolvidos os conteúdos chave do presente trabalho. Nesta seção são apresentadas as etapas da aula, desde a apresentação do tema por meio de abordagem histórica, perpassando pela sua importância para a sobrevivência e deslocamento dos povos, até as inúmeras formas de orientação inerentes ao conhecimento geográfico que nos auxiliam cotidianamente.

2. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: DO PLANEJAMENTO À ATUAÇÃO

O fenômeno da globalização e as múltiplas redes entrelaçadas do mundo contemporâneo favoreceram para que a contaminação do vírus SARS-CoV-2 (novo Coronavírus) se alastrasse por todo o globo, dando início a pandemia da Covid-19. O Novo Coronavírus causou grandes consequências sociais no espaço geográfico, tendo seus primeiros registros na província de Wuhan (China), em 2019.

Irrefutável foram as modificações ocorridas no ambiente escolar durante este processo, e as posteriores consequências são presenciadas até os dias atuais.

Mesmo que novas formas de ensino estejam em evidência com a expansão das tecnologias digitais e a cada dia as escolas passem a englobar tais mecanismos em suas disciplinas, a universidade não forma (ou formou) seus futuros professores para ensinarem Geografia remotamente.

A emergente situação, submeteu residentes e preceptores envolvidos no PRP a traçarem estratégias para que o ensino da ciência geográfica não sofresse defasagens.

A presente seção busca apresentar os principais desafios de residentes pedagógicos em ensinar Geografia em tempos de isolamento social, e as estratégias adotadas para garantir o aprendizado de forma significativa.

2.1 Desafios no ensino remoto emergencial

A partir da aplicação da resolução N° 50 do IFAL, campus Maceió, professores preceptores e residentes pedagógicos de Geografia tiveram que se adaptar às novas orientações do ensino remoto emergencial, que de início modificou por completo a rotina de tais profissionais. O ambiente residencial imaginado integralmente como espaço de repouso e descanso, vê-se agora, mesclado com o espaço de aprendizagem.

Antes do cenário pandêmico, alunos e professores rotineiramente convergiam há um único ponto de interesse, a escola. Mediante o atual cenário, viram-se na necessidade de ressignificar tais espaços, haja vista a necessidade de seguir com oferta do ensino escolar.

Nesse contexto, inúmeros fatores estão envolvidos nas particularidades de cada estudante afetado, seja o péssimo acesso a rede de dados e internet, o limitado espaço para os estudos que não oferecem ao aluno tranquilidade para concentrar-se nas aulas remotas, ou a falta de acesso aos equipamentos necessários para acompanhar as atividades. Em meio ao distanciamento físico exigido pela pandemia, barreiras visíveis e ocultas comprometem o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Evidente são as desigualdades sociais reforçadas durante a pandemia da Covid-19. Se pensarmos que a oferta de internet nas capitais e no espaço urbano brasileiro será maior mediante os recursos e a infraestrutura de rede disponível, não podemos falar a mesma coisa do principal, o acesso. Os problemas enfrentados pelos alunos da rede básica de ensino não encerram no encarecimento da rede banda larga no país, mas a questão geográfica de residir em espaços periféricos da cidade, carentes de cobertura de rede de dados também é fator preponderante.

Ademais, o IFAL, Campus Maceió, possui em seu quadro de alunos, moradores da zona metropolitana, regiões onde o acesso à internet também apresenta os problemas supracitados.

De acordo com o Relatório de Monitoramento Global da Educação publicado pela UNESCO (2020), as instabilidades no sistema educacional serão sentidas no presente e arriscam comprometer o futuro da educação no país, a ponto que,

A crise atualizará perpetuar ainda mais essas diferentes formas de exclusão. Com mais de 90% da população estudantil mundial afetada pelo fechamento de escolas relacionado à COVID-19, o mundo está prestes a sofrer uma perturbação de grandes dimensões e sem precedentes na história da educação. As diferenças sociais e digitais colocam os mais desfavorecidos em uma situação na qual correm o risco de ter perdas de aprendizagem ou abandonar a escola (UNESCO, 2020, p.5).

A urgência que se manifesta para inúmeros professores da rede básica de educação em todo o país está relacionada com a virtualização da vida e conseqüentemente do trabalho docente quando abordamos o cotidiano escolar em épocas de isolamento social e ensino remoto.

Se no passado bem recente, governos e pensadores de visões neoliberais ensaiavam a possibilidade de adotar o chamado *Homeschooling*, termo da língua inglesa que refere-se à modalidade de ensino na qual alunos acompanham aulas personalizadas e sob o controle dos responsáveis nas residências como solução prematura ao tradicional sistema de ensino do país, a situação emergencial provocada pela pandemia escancarou as limitações e despreparo que possuímos no tocante aos recursos físicos e de nossos profissionais para tal prática.

No cenário atípico que se desenvolve, o profissional de Geografia necessita, diante dos desafios que se apresentam, prosseguir com o ensino de uma ciência geográfica que esteja comprometida com o desenvolvimento social e crítico dos estudantes, no mesmo passo que busca mitigar as implicações forçadas pelo isolamento social.

O ciclo 2020-2022 do PRP é marcado pela atuação e interação dos preceptores, residentes pedagógicos e os estudantes da escola campo por intermédio das tecnologias digitais. Foi através das telas de computadores e celulares que os desafios foram apresentados e encarados.

O cenário prejudicial corroborou para que as dificuldades, em maior ou menor grau, impactassem o desenvolvimento de ambos os polos envolvidos no processo educativo, seja para os residentes pedagógicos ou os estudantes da escola campo.

A Resolução N° 50 do IFAL ao definir as diretrizes de realização do ERE destinou esforços para que seus estudantes continuassem com a oferta do ensino escolar por intermédio das atividades síncronas e assíncronas, com ou sem mediação das tecnologias digitais, a fim de garantir durante o período de isolamento social e suspensão das aulas presenciais, atendimento acadêmico a seus estudantes, enquanto perdurar as restrições e não for possível a presença física na unidade (IFAL, 2020).

A visão institucional de atenuar o severo impacto do ensino virtual surgiu como investida de promover o vínculo entre educadores e educandos e combater possíveis casos de evasão escolar. Dadas as circunstâncias, o ensino remoto se apresenta como resposta possível, mesmo que recorrer à produção de conteúdos digitais não seja tarefa fácil.

Pensar que o ambiente virtual, mesmo que familiar nos tempos modernos, passou a ser o centro de encontro para o processo de aprendizagem, sem dúvidas causa estranheza. Dessa forma, as reuniões semanais entre professor preceptor e o quadro de residentes foram designadas para elaboração dos planejamentos de atividades síncronas e assíncronas, e na tratativa de aspectos e situações referentes à atuação dos residentes.

As interações nas aulas ocorreram sem o contato físico com os alunos e impossibilitaram que professores e residentes observassem a linguagem corporal e visual de seus alunos acerca do entendimento ou não do assunto abordado, mesmo que a tecnologia nos moldes atuais permita que usuários se comuniquem e possam se ver através das transmissões ao vivo. Infelizmente os encontros assíncronos foram marcados por câmeras desligadas de alguns estudantes, e conseqüentemente baixa interação.

Dado o exposto, se reconhece a impossibilidade de transpor a cultura da aula presencial para o ambiente virtual, visto que ministrar aulas expositivas em que o professor em um estado de monólogo cansativo e enfadonho já não apresenta (ou nunca apresentou) experiência pedagógica prazerosa e aprendizado significativo em sala de aula presencial. Presume-se que o saldo seja o mesmo no ensino remoto.

Aspectos fundamentais da formação docente foram amplamente explorados e debatidos nas reuniões com o professor preceptor. Questões que envolviam a coerência dos planos de aula, postura dos residentes em sala, e compromisso com a educação foram debatidos e as orientações necessárias repassadas aos licenciandos. Dessa forma, o PRP permitiu que

estudantes em fase de graduação conseguissem presenciar o trabalho pedagógico em seus específicos e importantíssimos detalhes.

Assim, residentes pedagógicos enquanto alunos de licenciatura que estão em processo de aprendizado precisaram (re)aprender a ensinar à medida que fazem da tecnologia seu principal recurso. Moraes e Pereira (2009, p. 71) afirmam que,

a educação a distância rompe com a relação espaço/tempo, que tem caracterizado a escola convencional, e se concretiza por intermédio da comunicação mediada, por meio da mídia. Diferentemente de uma situação de aprendizagem presencial, onde a mediação pedagógica é realizada pelo professor em contato direto com os alunos, na modalidade a distância a mídia torna-se uma necessidade absoluta para que se concretize a comunicação educacional.

Inicialmente, nos primeiros encontros síncronos, o contato remoto com os alunos resultou em ampla escassez de interação dos estudantes. Raras as exceções nas quais os usuários utilizavam o ícone de “levantar a mão” da plataforma de reunião online, para fazer perguntas ao residente que ministrava a aula.

Na maioria dos casos, as indagações eram escritas no chat e não verbalizadas oralmente. A inexistência ou pouca comunicação ativa influenciou na dificuldade de residentes e alunos da escola campo construírem vínculos, e conseqüentemente desenvolverem as atividades pedagógicas planejadas.

A pandemia foi um desafio para a comunidade escolar em todos os atravessamentos que marcaram o ERE no IFAL, principalmente pela necessidade que residentes enfrentaram de remodelar os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na universidade.

O PRP traz em sua essência a capacidade de promover espaços de amplo aprendizado para estudantes de licenciatura que estão em processo de formação acadêmica e encontram pela frente o desafio de assumirem seus protagonismos, há medida que unem teoria à prática.

Nesse contexto, o PRP buscou, concomitantemente, ao longo do ciclo de atividades na escola campo, oferecer cursos formadores e preparatórios para seus residentes atuarem de forma mais preparada e responsáveis no ensino remoto emergencial.

2.2 Capacitação contínua do residente

Durante a rotina das aulas e ao frequentar as disciplinas da grade curricular que os discentes são introduzidos na arte do conhecimento e podem passar pelo processo de construção do saber. Já no que se refere a pesquisa na academia, podemos definir como o momento fundamental para a construção da ciência com base na investigação de fatos e teorias que implicam na formulação de novos conhecimentos. Por fim, será na extensão que, universidade

e comunidade se aproximam, de modo que, o conhecimento produzido na academia seja compartilhado à população geral.

À vista disso, a tríade universitária que articula ensino, pesquisa e extensão precisa trabalhar com os elos de forma indissociáveis, que em consonância são fundamentais na formação de futuros docentes. A respeito deste assunto, Freire (1996, p. 14) nos diz que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

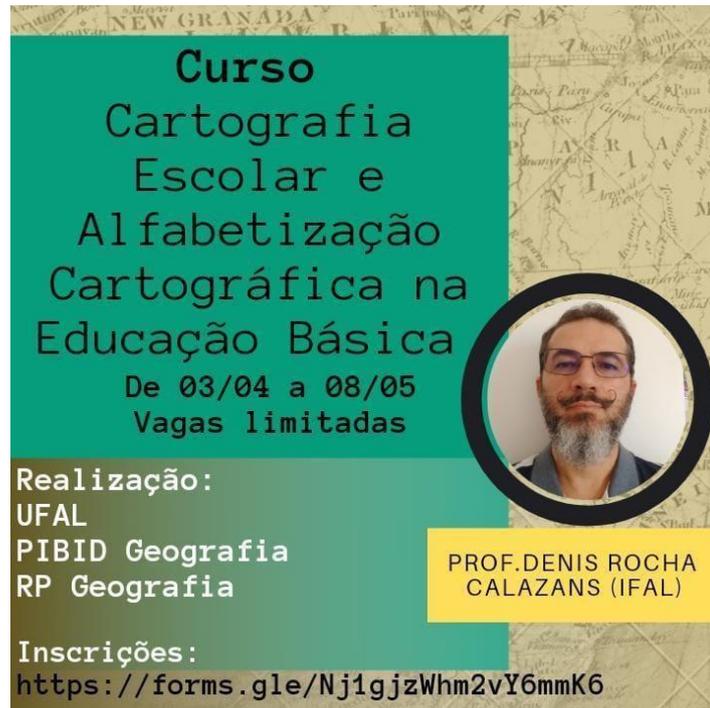
No âmbito das universidades o estudante de graduação que opta pela formação em licenciatura, depara-se ao longo do percurso de sua formação com um leque de possibilidades que o conduzem para experiências enriquecedoras, que irão fomentar e acompanhar a formação inicial destes profissionais.

São as participações em seminários, apresentação de trabalhos acadêmicos em congressos, ou no envolvimento das chamadas mesas-redondas, que o universitário se aproxima da sua área de interesse, e presenciam a partir das vivências de profissionais mais experientes a rotina e desafios da profissão.

O Programa de Residência Pedagógica da Capes tem por principal finalidade fortalecer a relação entre os Institutos de Ensino Superior e as escolas da rede básica de ensino, ao mesmo passo que fomenta a pesquisa, desenvolvimento de projetos e oportuniza experiências cotidianas do fazer pedagógico.

Ao pensar na formação por completo do indivíduo, o PRP, proporcionou ao longo do ciclo 2020-2022 minicursos para que os residentes pudessem expandir seus horizontes e preencher lacunas de aprendizagem. Como falaremos ao longo deste trabalho das etapas ligadas ao desenvolvimento da sequência didática orientação e localização, nos concentramos em apresentar nesta seção as metodologias e experiências do minicurso: *Cartografia Escolar e Alfabetização Cartográfica na Educação Básica* (figura 1).

Figura 1: Banner informativo do curso de Cartografia.



Fonte: Arquivo PRP-Geografia UFAL.

O minicurso supracitado, ministrado pelo Professor Preceptor Denis Calazans Rocha, tinha como principal objetivo ao abordar o ensino de Cartografia escolar e a Alfabetização cartográfica, solucionar dúvidas e mitigar as inseguranças que residentes pedagógicos possuíam para com o ensino de cartografia.

A idealização do minicurso surge após a indagação do professor preceptor questionar quais temas e assuntos da Geografia os residentes gostariam de se aprofundar e conversar sobre, caso não tenham feito de forma produtiva e coesa em seus cursos na universidade. Quase que unânime a temática da cartografia foi apontada pelos integrantes do programa como o “bichopapão” das aulas de Geografia, haja vista que muitos tiveram o contato com o assunto de forma superficial com seus professores na educação básica, ou não alcançaram o desenvolvimento desejado com as aulas na universidade.

Dessa forma, ao visar a pertinente necessidade, a atividade de capacitação proporcionou aos residentes reencontros com assuntos e abordagens da cartografia básica, como destaca a ementa (figura2) do minicurso abaixo.

Figura 2: Ementa Minicurso de cartografia.

<p>EMENTA</p> <p>Proporcionar a reflexão sobre a importância da Cartografia Escolar e a necessidade de se ensinar cartografia na Educação Básica. Estimular o desenvolvimento de métodos e técnicas de ensino de cartografia escolar. Aproximar o conhecimento cartográfico técnico do conhecimento didático.</p> <p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resignificar o ensino de cartografia escolar; • Associar ludicidade ao trabalho com cartografia escolar; • Apresentar técnicas de ensino de cartografia; • Estimular o desenvolvimento de novas estratégias metodológicas de ensino de cartografia escolar; • Contribuir com o aprendizado de cartografia; • Contribuir com a superação de dificuldades dos participantes no ensino de cartografia.

Fonte: Arquivo PRP-Geografia UFAL.

No decorrer dos encontros os momentos síncronos foram fundamentais e basilares para que os aspectos teóricos da ciência cartográfica fossem revisitados e compreendidos.

A constituição dos momentos esteve marcada por atividades interativas e pequenos “desafios” que promoviam o envolvimento e instigavam os residentes a solucioná-los. O material didático de acompanhamento produzido pelo professor preceptor para o minicurso, apresenta exemplos de atividades remotas que podem ser exploradas pelos residentes durante suas aulas, como forma de enriquecer a prática docente.

Os encontros assíncronos juntamente trouxeram suas contribuições e enriquecimento durante o minicurso, com propostas de estudos dirigidos que alinhavam teoria à prática. A correção e revisão dos materiais disponibilizados ocorriam sempre no encontro seguinte, com debates e compartilhamento de dúvidas. O aprendizado coletivo que se desenvolveu foi importante para a cooperação e construção de vínculos entre os residentes.

A formação contínua ao longo do desenvolvimento do programa impactou diretamente no planejamento e execução das aulas, com avanços significativos em assuntos que antes causavam aflições e insegurança aos residentes. Como principal objetivo do PRP os residentes precisaram seguir com capacitações ao longo do projeto, e as propostas desenvolvidas no referido ciclo foram primordiais para atingir tais êxitos.

3. A GEOGRAFIA ESCOLAR NA FORMAÇÃO CIDADÃ: O PAPEL DA CARTOGRAFIA

O fazer geográfico esteve por muitos séculos vinculado a simples classificação e descrição de lugares e fenômenos, visão estereotipada que rotulou a ciência geográfica como disciplina escolar enfadonha e de simples decoreba com abordagens pragmáticas. A partir dos anos 70 e 90 do século XX, a Geografia passa por mudanças significativas em seu campo de conhecimento, respectivamente, com a Geografia crítica e a Geografia humanista, vertentes que passam a enfatizar os agentes sociais do espaço geográfico, e as relações sociais imbricadas, como principal objeto de estudo.

A história das civilizações e a Geografia acabam por se confundir quando imaginamos o processo evolutivo das duas. Andrade (1987) destaca que de forma involuntária as primeiras civilizações já praticavam o conhecimento geográfico ao passo que “[...] mesmo sem possuírem a escrita, transmitindo os conhecimentos através da versão oral e dos desenhos em rochas e em cavernas, passadas de geração a geração, tinham uma concepção de vida e uma cultura, ambas impregnadas de ideias geográficas” (p. 20).

A Geografia enquanto disciplina carrega em suas abordagens o raciocínio, a analogia, espacialidade e localização dos fenômenos, e a faculdade de instigar o pensamento crítico nos indivíduos. Nessa conjuntura, a análise geográfica direcionada a compreensão e intervenção do meio social passa a colaborar com seus estudos e pesquisas sobre o espaço produzido pelo homem, ao ratificar seu caráter interdisciplinar, já que, abrange saberes e conhecimentos dos mais variados (CALLAI, 1988, p.57).

Colocar-se como indivíduo confrontante e crítico das questões sociais, seja nos aspectos políticos, de religião, econômicos ou demais ramos da sociedade, somente se torna possível com ampliação e maturação do olhar questionador, que indague o *status quo* das contradições presentes no espaço social. Saber como o mundo funciona e de que forma ele se define, reconhecer as particularidades dos lugares e a sociedade humana, são requisitos fundamentais à formação de cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e projetar cenários futuros (SANTOS, 1994, p.121).

A Geografia com seu caráter libertador e desvelador das máscaras sociais, deve ser concebida como campo do conhecimento destinada a interpretar, analisar e desenvolver visões críticas de mundo. De modo igual, enquanto disciplina escolar precisa conduzir estudantes a formação crítico-cidadã para que se tornem conhecedores e interventores dos espaços onde a vida se manifesta.

O debate em torno do conceito e aplicação da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia, e conseqüentemente, a concepção de leitura e noção espacial desenvolvida no raciocínio geográfico, estudos que contribuem à formação do sujeito pensante, serão abordados nesta seção como complementares e interdependentes.

3.1 Da alfabetização cartográfica ao raciocínio geográfico

A técnica cartográfica de representar o espaço geográfico através de mapas sempre acompanhou o desenvolvimento da humanidade à exemplo das pinturas rupestres em cavernas, que desde os primórdios da civilização já manifestavam a necessidade humana de representar seus espaços de vivência, amparados nos princípios lógicos de orientação e localização.

As formas de organização e exploração do espaço pelos primeiros povos respeitavam primeiramente a compreensão do local, com a definição de pontos referenciais, para os identificarem e assim estabelecerem moradia. Mesmo em sua forma mais primitiva, a orientação e localização para caça, rituais e abrigos, sempre foi uma preocupação dos grupos humanos.

Os conceitos de orientação e localização geográfica fundamentais nos estudos de análise de mapas e/ou localização de fenômenos, são imprescindíveis à compreensão espacial. Para mais, trabalhar os sentidos de orientação e localização em sala de aula tem como objetivo despertar nos estudantes a noção espacial e compreensão do espaço vivido.

Indubitavelmente, nossas ações cotidianas estão amparadas por conceitos e conhecimentos geográficos, os quais utilizamos de forma nada intencional, seja ao escolher qual direção para chegar até a farmácia do bairro, preferir qual lado sentar ao entrar no ônibus para não ficar no “lado do sol”, ou fazer uso de aplicativos que usam os sistemas de geolocalização. É imprescindível que, por meio da Geografia, os alunos sejam alfabetizados cartograficamente para que possam realizar leituras e compreensões do espaço em que vivem, já que

[...] como todo objeto de reflexão geográfico pode ser localizado e orientado, todos os estudos da Geografia deveriam partir da orientação e localização geográficas das diferentes territorialidades produzidas pelo homem. Esse poderia ser o ponto de partida, para o estabelecimento de raciocínios, para o entendimento do espaço geográfico. (KATUTA, 2000, p. 14).

Martinelli (1999, p.134) e Passini (1999, p.125), reiteram a existência e prática de um processo metodológico de alfabetização cartográfica que está em conexão com uma educação participativa e de formação cidadã, de modo que por meio da linguagem cartográfica se torne possível a aquisição de tais instrumentos para desvendar o mundo.

Um ensino de Geografia pautado na construção dos conhecimentos conceituais e procedimentais capazes de formar leitores conscientes da organização do espaço e fazerem leituras de mundo é abordado por Passini (2012) como alfabetização cartográfica. Cavalcanti (2013) chamou de função mais importante da Geografia, a formação da consciência espacial e raciocínio geográfico, que seriam as constantes avaliações e reflexões da realidade apresentada feita por estudantes autônomos e participativos no meio social.

Nessa conjuntura, é a partir dos sentidos de orientação e técnicas de localização que o ser humano consegue autonomia e ampliação da percepção espacial. À vista disso, para que esses aprendizados sejam compartilhados e trabalhados em sala de aula de forma efetiva, a BNCC traz em suas competências específicas e habilidades para a área das ciências humanas e sociais no ensino médio, área em que a Geografia enquanto disciplina faz-se presente, a prioridade em se considerar o raciocínio geográfico como prioritário na análise e ocupação humana e produção do espaço em diferentes tempos (BRASIL, 2018).

Depreende-se dos relatos expostos que a alfabetização cartográfica e o desenvolvimento dos sentidos de orientação e técnica de orientação, indubitavelmente, são aspectos essenciais do aprendizado geográfico. Entretanto, tais conhecimentos são negligenciados em sala de aula por diversos fatores, entre os principais estão o despreparo dos docentes pela carência na formação cartográfica e a insegurança de abordá-los em sala de aula (LIBERATTI, 2013).

A seção a seguir aborda com base nos pesquisadores referências na área da alfabetização cartográfica e do raciocínio geográfico a sequência didática que comporta a aula Orientação e Localização, e suas estratégias para a aquisição da consciência espacial.

4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

O ato de planejar está imbricado em nossas ações cotidianas, seja na simples saída de casa ao trabalho, quando planejamos por qual rua iremos transitar ou qual transporte público utilizar. No âmbito educacional o planejamento configura-se como instrumento de garantia da aprendizagem. Segundo Libâneo (1992), o ato de planejar está vinculado às ações diárias do profissional da educação, já que aspectos como organização e coordenação da ação docente estão associados à atividade escolar, dentro de um contexto social.

Planejar qualquer ação antes de executá-la garante aos atores envolvidos no processo, no mínimo, segurança e orientação de quais caminhos seguir. De suma importância, o planejamento garantiu base de informações e bagagem para atuação dos residentes, ao ponto de evitar situações de improviso e perda de controle ao ministrar as aulas.

Já Klosowski e Reali (2008), compreendem a prática de planejar no ato educativo como processo contínuo e sem cortes, já que etapas de preparação, realização e acompanhamento devem ser cuidadosamente seguidas. Para as autoras, planejar as ações pedagógicas significa prever ações em sala de aula, que bem executadas melhoram o aprendizado dos alunos e aperfeiçoam a prática docente.

Organizar as atividades em função dos blocos temáticos de forma que seja permitido ao estudante compreender o assunto da disciplina de forma lógica e que faça parte de um todo sequencial, é a forma como o professor deve planejar suas aulas. O recurso didático-pedagógico oportuniza a sistematização do conhecimento, de forma que o docente oportunize aos estudantes a possibilidade de percorrer “trilhas do conhecimento”.

Para Zabala (1998, p.18) as sequências didáticas a partir dos elementos constituintes são “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Definir o ensino remoto como solução imediata à emergente situação, necessitou de amplo planejamento, mesmo com pouco ou inexistente tempo hábil para conceber e definir quais seriam os parâmetros e orientações à prática docente. A inédita experiência demonstrou que a necessidade e importância do planejamento para professores, e neste caso para os residentes pedagógicos, seria o ponto de equilíbrio para um vasto cenário de incertezas.

Para planejamento e elaboração dos planos de aula, foram seguidas as ementas e os conteúdos programáticos das modalidades do ensino médio integrado do IFAL. Dessa forma, com a orientação do professor preceptor foram construídas nas primeiras reuniões do programa

o cronograma de conteúdo das aulas de Geografia para o ERE. As ações realizadas no programa foram desenvolvidas com base no cronograma de execução do subprojeto.

Assim, antes do início de cada bimestre, residentes e professor preceptor reuniam-se semanalmente para definir quais seriam os assuntos e temas geográficos a serem abordados e quais as estratégias adotadas para que as práticas educacionais em Geografia estivessem em consonância com os documentos que regem o ensino na escola campo.

Para Gagné (1974, p.156), “a importância de se esquematizar a sequência de aprendizagem reside no fato de que esse procedimento nos capacita a evitar erros que originam da omissão de etapas essenciais a um determinado campo do conhecimento”.

Definido o cronograma, a próxima etapa sob responsabilidade dos residentes pedagógicos estava em produzir por completo os planos para cada aula, com organização metodológica, objetivo, conteúdo programático, divisão por momentos síncronos e assíncronos, assunto geral e específicos e esquema avaliativo, como apresentado no quadro 1.

QUADRO 1 - Esquema de planejamento utilizado durante o PRP

<p>PLANEJAMENTO Orientação e Localização</p>
<p>ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA</p>
<p>Este planejamento se destina a segunda semana de aula do Ensino Remoto Emergencial 3 (ERE 3) do IFAL para as turmas de 1º Ano do Ensino Médio. A semana de estudo está dividida em dois momentos, um síncrono, equivalente a 2 aulas, no qual os professores abordarão na aula sobre o assunto tema. E outro assíncrono, equivalente a 6 aulas, no qual os alunos desenvolverão atividades variadas como: leitura e interpretação de textos, assistir vídeos e realização de exercícios. Todos os momentos assíncronos serão mediados por um Estudo Dirigido que contribuirá para analisar a compreensão do aluno referente aos aspectos discutidos sobre a temática abordada.</p>
<p>OBJETIVO</p>
<p>Instigar o aluno a compreender como identificar a direção ou o rumo a seguir em espaços que ele conheça ou não, utilizando ferramentas de orientação como: a bússola, GPS (aplicativos on-line), orientação pelo Sol e outras formas, abordar sobre a Rosa dos Ventos (direções cardeais, colaterais e subcolaterais) sua importância e utilização, para prover meios para o desenvolvimento da alfabetização cartográfica e raciocínio geográfico, de modo que se consiga relacionar a temática com o espaço vivido dos alunos, ressaltando suas experiências cotidianas. Neste contexto direcioná-los a localizar-se no espaço geográfico, com base nos aspectos anteriores é fundamental para embasar o objeto de estudo posterior, Coordenadas Geográficas, que será abordado em outra aula.</p>

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Momentos	Assunto geral	Assuntos específicos
Síncrono	Orientação e Localização	<ul style="list-style-type: none"> - Orientação; - Formas de orientação; - Rosa dos ventos: pontos cardeais, pontos colaterais e pontos Subcolaterais; - Movimentos da Terra; - Orientação pelo Sol, pela Lua e pelas estrelas. - A bússola, GPS e outros instrumentos para orientação e localização;
Assíncrono	Estudo dirigido I: Construindo uma bússola Estudo dirigido II: Texto e exercícios	<ul style="list-style-type: none"> - O Estudo Dirigido I tem como objetivo estimular os alunos no uso da bússola, a partir de sua criação. Para isso será utilizado um vídeo com o passo a passo. - O Estudo Dirigido II visa instigar os alunos a leitura, interpretação de texto e realização de atividades que visam a formação do conhecimento.
AVALIAÇÃO		
Os alunos serão avaliados a partir da presença e participação na aula síncrona e da resolução e devolutiva dos Estudos Dirigidos.		

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Mediante a importância da temática para o ensino de Geografia, a aula ministrada buscou abarcar os principais aspectos de orientação e localização geográfica através do momento síncrono e assíncrono. A partir da elaboração do plano de aula, com a delimitação dos objetivos, metodologia e recursos didáticos, o material a ser utilizado em sala de aula (virtual) foi produzido.

Como exposto ao longo deste trabalho, por serem ministradas de forma remota, as aulas acompanham apresentação de slides e envio de estudos dirigidos, nada menos que exercícios de objetivos à consolidação do conhecimento pelos estudantes.

4.1 Abordagens da temática em aula

Os conteúdos geográficos abordados durante as aulas remotas eram apresentados no formato de slides, em que o uso de imagens, gifs, exemplos interativos e perguntas no próprio material, a fim de instigar a participação dos estudantes e tornar a aula mais atrativa foram as

principais estratégias. O material produzido pelos residentes passava previamente pelo crivo do preceptor para possíveis orientações e correções, para garantir a qualidade na oferta do ensino.

Para a montagem da aula preocupou-se em abordar por completo as singularidades e características que estão associados a orientação e localização geográfica, mesmo que de forma involuntária pelos primeiros povos humanos. Como estratégia utilizada no início da aula para introdução do tema optou-se por perguntas que estimulam o interesse e provocam desequilíbrio nos estudantes (Figura 3). O uso de ilustrações e charges foram primordiais para que a informação a ser repassada não ficasse cansativa e enfadonha, e completa somente por textos que causam pouco impacto nos estudantes.

Figura 3: Slides iniciais da aula Orientação e Localização.

QUANDO TUDO COMEÇOU?

A orientação e localização sempre foi uma preocupação dos grupos humanos, mesmo em sua forma primitiva.

CAÇA

RITUAIS

ABRIGOS

PINTURAS EM CAVERNAS

INSTITUTO FEDERAL
Alagoas
Campus Maceió

Outras necessidades foram surgindo...

A GEOGRAFIA ANTES DE TUDO SERVE PARA FAZER GUERRA

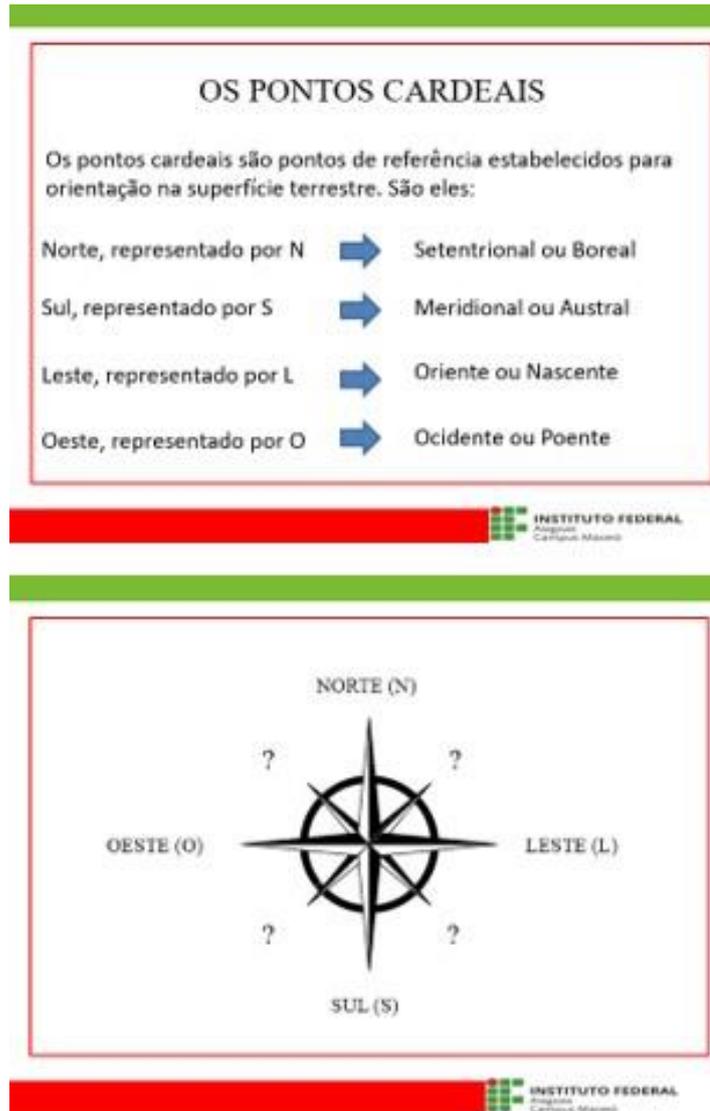
Você é tão fraco!!!
DA MACHADA OU
DA AERONÁUTICA?

NENHUMA DAS OPÇÕES
SOU GEOGRÁFICO!!

INSTITUTO FEDERAL
Alagoas
Campus Maceió

As formas sistematizadas de localização abordadas dentro do ensino de Geografia, pontos cardeais, colaterais e Subcolaterais, orientação pelos astros e bússola, foram abordadas no curso da aula. Para apresentação de tais conteúdos, as informações que compunham os slides sempre estavam incompletas logo que projetadas, permitindo que os estudantes pudessem raciocinar sobre o que lhes eram apresentados de forma sequenciada (Figura 4).

Figura 4: Material sistematizado orientação geográfica.



Fonte: Arquivo PRP.

Um das formas de aproximar os alunos da aula e construir meios de aprendizagens significativas que estimulam o protagonismo foram os “desafios geográficos” presentes nos slides. A referida estratégia resultou em ampla participação e empenho dos estudantes na resolução dos exercícios, já que, o ensino remoto acabava por distanciar e limitar as interações

entre professor e aluno. Mediante possibilidade nas atividades desenvolvidas, os próprios nomes dos estudantes eram utilizados como exemplo (Figura 5).

Figura 5: Atividades interativas que usavam os próprios estudantes como exemplo.

Orientação na sala de aula.

De acordo com a figura abaixo, utilize os pontos cardiais e os pontos colaterais para indicar as direções dos números de acordo com cada situação.

ARTUR	CÍCERO	ANDREY
LETÍCIA	ESTEFANY	MARIA
NICOLAS	PEDRO	LUCAS

a) Leticia está a(o) Sudoeste do Cícero.
 b) Cícero está a(o) Norte de Pedro.
 c) Pedro está a(o) Leste do Nicolas.
 d) Nicolas está a(o) Sul do Artur.
 e) Artur está a(o) Oeste do Andrey.
 f) Andrey está a(o) Nordeste de Estefany.
 g) Estefany está a(o) Nordeste de Lucas.
 h) Lucas está a(o) Sudeste do Artur.
 i) Maria está a(o) Leste de Leticia.

a) Qual o comércio encontramos a nordeste da praça central? Móveis
 b) Qual o estabelecimento está ao sul da praça? Livraria
 c) Qual está ao norte? Frutas
 d) Qual estabelecimento vemos a sudoeste da praça? Loja X
 e) E qual está a oeste? Padaria
 f) Qual comércio está a sudeste da praça central da cidade? Pizza Mais
 g) E qual está a leste? Super
 h) Qual comércio está a noroeste da praça? Pharma

Fonte: Arquivo PRP.

Reservado para o encerramento da aula, foram conduzidas associações entre o conteúdo abordado e a vida dos estudantes ao apresentar momentos do nosso cotidiano em que os sentidos de orientação e localização estão presentes. Foram mencionadas ferramentas tecnológicas, aplicativos e jogos eletrônicos, que fazem uso dos sistemas de geolocalização para funcionamento, a exemplo do aplicativo *Cittamobi*, que marca a previsão de chegada de milhares de linhas do transporte público nacional em tempo real, e o game *Free Fire* que utiliza dessas noções para orientar os jogadores no universo digital (Figura 6).

Figura 6: Exemplos cotidianos dos assuntos abordados em aula.



Fonte: Arquivo PRP.

Ao decorrer da aula, constatou-se que os alunos tinham pouca compreensão do tema e tiveram algumas dificuldades de compreensão em relação aos conhecimentos abordados, principalmente nas noções de lateralidade e orientação, a exemplo da confusão entre Leste e Oeste abordados na explicação de orientação pelo sol.

Apesar do reduzido tempo de encontro com os alunos e as limitações impostas pelo cenário de aulas remotas, a metodologia adotada para trabalhar o tema contemplou aspectos basilares de orientação e localização, possibilidades de uso e manifestações cotidianas e aplicações de exercícios. Pontos centrais que objetivaram a consolidação da alfabetização cartográfica e o despertar ao raciocínio geográfico.

5. CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido ao longo do ciclo 2020-2022 do PRP pode apresentar aos residentes a dinâmica de atuação do profissional da educação, oportunizando vivências desafiantes e construtivas, que enriqueceram a formação destes profissionais. Assumir o protagonismo e com arrojo planejar, pesquisar e ministrar aulas em época de ensino remoto não foram tarefas fáceis, mas a educação de cunho transformadora se fez presente.

As noções de orientação e localização não estão restritas ao estudo geográfico de localização dos estados, países, oceanos, ou dos fenômenos sociais e naturais. Tal conhecimento possui a capacidade de auxiliar os cidadãos na compreensão da noção espacial, orientando-os nas atividades do dia a dia, mesmo que de forma involuntária. Visto a importância dessa temática na alfabetização cartográfica e no desenvolvimento da autonomia espacial dos alunos, é imprescindível que tais conhecimentos ao serem abordados pelos professores estejam indissociáveis dos exemplos de manifestações cotidianas.

Por meio das abordagens feitas em aula, depreende-se a mudança de olhares dos estudantes para com o ensino de Geografia e a importância que tais conhecimentos possuem em nossas vidas ao se manifestarem corriqueiramente. Os aprendizados adquiridos em sala de aula forma primordiais para que os estudantes desenvolvessem a ampliação e autonomia da percepção espacial. Notou-se também que, o conhecimento da alfabetização cartográfica influenciou na melhor compreensão dos estudantes em assuntos posteriores como coordenadas geográficas e fusos horários, aulas ministradas em sequência.

Destarte, é fundamental que professores em sala de aula não banalizem a abordagem desses conceitos fundamentais a formação de leitores conscientes do seu espaço, e apesar das deficiências no conhecimento busquem capacitação para orientá-los. Para alcançarmos o aprendizado desejado é necessário que o estudante se identifique, note a importância do conteúdo geográfico escolar para sua ação em seu espaço de vivência. É preciso que o ensino escolar da Geografia esteja em aproximação com o cotidiano destes alunos, de forma que se apresente atraente perante as metamorfoses do mundo moderno.

É necessário cada vez mais que as aulas de Geografia proporcionem reflexões e cause inquietações em nossos alunos, fazendo com que perguntem e participem ativamente. É dentro desse relato que defendemos a necessidade de alfabetizar cartograficamente nossos alunos para a leitura e dominação do espaço, seja nas etapas iniciais da educação básica ou rompendo as barreiras dos anos finais quando tais conhecimentos se apresentarem defasados.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacionalcomum-curricular-bncc>. Acesso dia 25 de Nov de 2023.

CALLAI, H. C. Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 5. ed. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GAGNE, Robert Mills. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1974.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. Reitoria. **Resolução nº 50/2020, de 28 de agosto de 2020**. Estabelece as Diretrizes Institucionais para o Ensino Remoto Emergencial, para o ano letivo 2020. Maceió-AL: Reitoria, 2020. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br/acesso-a-informacao/institucional/orgaos-colegiados/conselho-superior/arquivos/resolucao-ndeg-502020-aprova-as-diretrizes-para-o-ensino-remoto-emergencial-no-ifal.pdf/view>. Acesso dia 15 de Nov de 2023.

KATUTA, Ângela Massumi. O ensino e aprendizagem das noções, habilidades e conceitos de orientação e localização geográficas: algumas reflexões. **Revista Geografia**, Londrina, v. 9, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/geografia/v9n1.pdf>. Acesso dia 17 de jan de 2024.

KLOSOWSKI, S.S.; REALI, K.M. Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem. In.: **Revista Eletrônica Lato Sensu**. Guarapuava: UNICENTRO. Ed.5, 2008. Disponível em <https://sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=2557996&key=07374bb66a6bb90ca1fe6966ad1ea3c>. Acesso dia 06 fev.2024.

LIBERATTI, Maria Inês da Silva. Alfabetização Cartográfica: o mapa como instrumento de leitura do espaço. **Cadernos PDE/PR**, Paraná, vol. 1, 2013. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/> Acesso dia 21 de jan. de 2024.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 1992.

MORAES, Raquel Almeida; PEREIRA, Eva Waisros. A política de educação a distância no Brasil e os desafios na formação de professores na educação superior. In: **Seminário de**

História, Políticas Públicas e Educação, 2009. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/index>. Acesso dia 14 de Nov de 2023.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de geografia**. Colaboração Romão Passini. 1. ed.—São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Relatório de monitoramento global da educação – 2020: Inclusão e educação: todos, sem exceção**. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721_por. Acesso dia 15 de Nov de 2023.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PASSINI, E. Y.; ALMEIDA, R. D.; MARTINELLI, M. (org.). **A cartografia para crianças: alfabetização, educação ou iniciação cartográfica**. Boletim de Geografia, n.17, p.125-135, 1999.